

NOS RASTROS DAS PEDRAS – A REVISTA ROLLING STONE EDIÇÃO BRASILEIRA (1971 – 1973): IMPRENSA E MÚSICA – AS FONTES E OS NOVOS DESAFIOS DO HISTORIADOR

Cleber Sberni Junior*

Por entre os caminhos trilhados no trânsito entre História e Música, busco nesta comunicação, seguir os rastros da imprensa periódica do início da década de 1970 como fonte possível para compreensão do texto jornalístico de crítica musical, esta produção em texto é marcadamente resultado de uma audição e posterior construção de uma operação historiográfica. Nesse sentido, observamos a existência de uma gama de fontes primárias que se revelam como um corpo documental pouco explorado e que necessita de uma melhor caracterização.

A abordagem da produção de crítica musical, com o respectivo tratamento e sistematização das fontes, atos necessários e imperativos ao historiador, é de fundamental importância, de modo a procurarmos aqui de forma concisa, contemplar algumas possibilidades que se apresentam diante desse rico corpo documental.

Assim esse texto procura apontar caminhos para uma análise da revista Rolling Stone (1971 – 1973), apresentando notas que objetivam mapear alguns elementos para análise histórica desta publicação periódica, o que se pretende é um estudo exploratório e dar conta de revelar nas escutas específicas produzidas e publicadas na revista, alguns de seus principais temas e autores, apresentar a referida publicação como um corpo documental entendido como obra.

Esse olhar em busca de novas fontes revela algumas questões relativas à construção de determinada audição dos autores das resenhas e artigos (a própria produção de crítica musical em jornais e revistas), esse caminho aponta a necessidade de uma melhor caracterização referente aos conceitos e práticas da pesquisa em história, e a observação das relações entre a imprensa e música, com um tratamento específico e sistematização das fontes.

Afirma Marcos Napolitano que ao longo da década de 1970 os periódicos de uma maneira geral mantiveram seu espaço aberto à música popular brasileira. Revistas como *Tempo Brasileiro*, os *Cadernos de Opinião*, a *Revista Cultura Vozes*, na chamada “grande”

* Programa de Pós Graduação em História e Cultura Social, UNESP/FRANCA, Doutorando.

imprensa, ou mesmo na imprensa alternativa, como *O Pasquim*, *Movimento*, *Opinião* e em outros jornais, a música ganhava cada vez mais espaço, com a presença de artigos ágeis, como crítica de discos e entrevistas, ou textos de maior aprofundamento, ressaltando análises de conjunto de obras, ou de movimentos, ou temas sociológicos ou históricos ligados à MPB (2006, p. 143 -144).

Nesses termos, podemos observar que o estado atual da área aponta novos desafios teóricos metodológicos propostos pela relação História e Música. Mapear essas fontes, temas e gêneros relativos a início da década de 1970, se faz necessário: Como estudos específicos da crítica musical o cenário musical dos anos 1970, verificando os tipos de recepção da música brasileira apontados pela crítica musical, aponta Napolitano:

“(...) acreditamos que a grande contribuição dos historiadores seja a de fazer avançar os estudos de maneira interdisciplinar, além de renovar o índice dos de temas ligados à história da música popular, incorporando novos eventos, novas fontes e novos problemas. Existe uma gama nova de fontes, períodos e temas pouco explorados (...). Quanto às fontes primárias, uma breve observação final: os estudos de música popular no Brasil devem realizar um trabalho urgente de ampliação do corpus documental que vem sustentando as pesquisas. Algumas recorrências documentais revelam uma certa dificuldade em ampliar as bases heurísticas dos estudos relativos à música brasileira. A maioria dos trabalhos é dependente, em grande parte, de memórias e de depoimento dos protagonistas (músicos, intérpretes, compositores, produtores, jornalistas e críticos). (...) os futuros trabalhos de história da música brasileira devem enfrentar alguns desafios básicos no âmbito do levantamento documental: incorporar novas fontes escritas, como críticas jornalísticas, revistas e almanaques musicais; e o levantamento de álbuns fonográficos que marcaram a trajetória de artistas e gêneros” (NAPOLITANO, 2006, 149).

E é nesse sentido que aqui nessa comunicação busco os rastros e trilhas da *Rolling Stone*, e os caminhos da relação entre imprensa e música, assim as contribuições dos historiadores neste momento estão em incorporar novos eventos e novas fontes, referentes ao cenário musical dos anos 1970, observando os tipos de recepção da música brasileira produzidos pela crítica musical. De outro lado, observar a produção desses textos (artigos, entrevistas e resenhas) como corpo documental, exige do historiador os compreender como provenientes de um lugar social, compreender que estes textos fazem parte de um processo e que devem responder e corresponder a determinadas linhas e publicadas segundo determinada forma.

Na turbulência do ano de 1967 é fundada em San Francisco, na Califórnia a Revista *Rolling Stone* com o objetivo de marcar um novo tipo de jornalismo e crítica musical. O perfil desejado pelos seus fundadores é de politização, mas comprometida

também com o universo comportamental de seu leitor, jovem e que flerta com a contracultura, com caminhos alternativos. Assim, a revista nasce com o intuito de aproximar o leitor do músico, não uma revista de fãs, mas sim uma publicação que sintonize universo da Música e comportamento, e em que a contracultura encontra espaço para circular: “planejada para atrair os fãs de rock. *A Rolling Stone* publicava novidades sobre a indústria e artistas, resenhas de shows e de discos, artigos profundos e entrevistas. O pop/rock estava se institucionalizando e, em reconhecimento a este fato, a *Rolling Stone* alcançou sucesso e começou seu império editorial” (FRIEDLANDER, 2004, p. 282). Nas próprias palavras de Jann Wenner, um dos seus fundadores e proprietários: “*A Rolling Stone* era diferente” (...) “devotos não apenas do *rock and roll*, mas à cultura política que se encontrava ao redor da música, que a formava e que era formada por ela”, e emenda:

Já do início, nossos assuntos eram exploratórios, abordando coisas pela primeira vez. E nós também estávamos explorando junto deles, encontrando um novo território jornalístico conforme caminhávamos. Éramos famintos por informação, por histórias sobre como a música e a cultura que amávamos tomou forma, e quem eram essas pessoas que as faziam. Queríamos revelações e nós as conseguimos (2008, WENNER, p. 10 - 11).

Segundo Heloísa Buarque de Hollanda, a passagem da década de 1960 para a de 1970, tem a marca de acontecimentos decisivos no processo político cultural brasileiro, isto é, uma nova derrota “dos movimentos de massa – especialmente o de composição estudantil – e das esquerdas”: acontece o “segundo golpe”, organizado pelo Estado, que instala definitivamente a repressão política de direita. O ocorrido marca também um novo quadro conjuntural “onde a coerção política irá assegurar e consolidar a euforia do ‘milagre brasileiro’”. Um clima de ufanismo e exaltação toma conta do país, com o Estado presente na construção de obras monumentais, e no campo da produção cultural, a “censura torna-se violentíssima, dificultando e impedindo a circulação das manifestações de caráter crítico” Volta-se, não contra os militantes apenas, mas também contra intelectuais e artistas, que enquadrados pela farta legislação coercitiva, são obrigados, muitas vezes a deixar o país (2004, p. 100-101).

É nesse clima que os valores da contracultura florescem no Brasil, entre: a euforia do ‘milagre brasileiro’ e o peso do AI-5, a repressão instaurada e a tensão do exílio. Período em que podemos observar a difusão da chamada “imprensa alternativa” que terá com o ideário da contracultura um novo repertório de símbolos e conceitos para

as manifestações críticas ao regime e para as produções culturais. Maciel escreve em suas memórias que 1971 “foi o ano em que, pode-se dizer, me engajei na contracultura – como teórico naturalmente”:

Mas a imprensa alternativa, entre nós estava apenas começando. No final de 1971, fui procurado por um jovem inglês, Mick Killingbeck, que havia vindo ao Brasil para trabalhar como físico nuclear, mas amava mesmo era rock and roll. Estava conseguindo os direitos da revista Rolling Stone, o maior sucesso nos EUA no gênero, para editá-la aqui. Me escolheu (provavelmente porque eu era jornalista conhecido mais ligados a assuntos roqueiros e contraculturais) e então passei a ser editor da Rolling Stone no Brasil. Mick alugou uma casa velha na rua Visconde de Caravelas, em Botafogo, pertinho do primeiro apartamento dos Novos Baianos no Rio e do tradicional restaurante Aurora, onde almoçávamos e bebíamos cerveja. Fizemos um número zero, com direção de arte do Fortuna, que tinha Gal na Capa, uma longa matéria sobre a visita de Santana ao Brasil, uma crítica de Mick do show Fa-tal e outras matérias. Em seguida, Fortuna foi substituído por Lapi e, para a redação contratei Ezequiel Neves e também Okki de Souza e Ana Maria Bahiana, que estavam começando (1996, p. 247 – 248).

Figura polêmica, o inglês Mick Killingbeck, radicado no país, exerceu o cargo de diretor e era um dos proprietários da versão brasileira da *Rolling Stone*. Havia se mudado para o Brasil em 1971 para um cargo na usina de Angra dos Reis. A sugestão de morar no país partiu de seu amigo Norman Hilary Baines, filho de ingleses nascido no Ceará, que retornou pela primeira vez ao país em 1970. Mal tinham se instalado, decidiram abrir um negócio próprio e que lhes parecia bem mais interessante, a “republicação de artigos e fotos do tablóide *Rolling Stone* e lançaram uma versão brasileira (...) apostando no potencial do público jovem local” (CALADO, 1995, p. 286 - 287).

A revista *Rolling Stone* foi mais um periódico de expressão das idéias vinculadas a contracultura, especializado em música e comportamento, ricamente ilustrado de farto material gráfico e fotográfico, destinado ao público jovem. A publicação conta em suas páginas com rico material para mapear a cena cultural contracultural do período, e conta com: textos, resenhas de Álbuns Fonográficos e Shows, longas entrevistas e perfis de músicos, fotografias e ilustrações, resenhas de livros e publicações de caráter contracultural; conta ainda com longos artigos originais, como também artigos traduzidos provenientes da matriz norte-americana, e que

correspondiam a uma parcela menor do publicado. A temática da *Rolling Stone* aborda assuntos variados, mas que orbitam no universo do entretenimento e comportamento da juventude¹: notícias sobre atualidades, humor e quadrinhos, e, sobretudo música produzida naquele período, principalmente o rock, mas com uma interessante e importante abertura para matérias sobre música brasileira.

Como veículo, a *Rolling Stone* possuía um alcance de circulação nacional, prestava-se a fornecer informações sobre temas que caracterizavam a contracultura, com a presença marcante de símbolos e referências que se enveredavam sobre o tema. Se de um lado o universo jovem era mapeado pelo periódico, a revista também se prestava a dar suporte a uma rede de informações sobre a contracultura, e uma interação com os seus leitores, constituindo-se como uma de suas características marcantes. E nas palavras de Ana Maria Bahiana, isso era possível: “através do amplo espaço dado aos seus leitores – em cartas, classificados da seção ‘Recado do leitor’ – a revista – jornal de fato servia de traço de união para uma geração que buscava alternativas (...)” (BAHIANA, 2006, p. 84).

A mesma Ana Maria Bahiana, observa que a fundação da *Rolling Stone* no Brasil está cercada de elementos da contracultura desde seus passos iniciais, e em suas palavras livres aponta: “Um inglês e um americano amigos dos mutantes – Mick Killengbeck e Theodore George -, um acerto não muito detalhado (possivelmente um aperto de mãos em situações quimicamente favoráveis) com Jann Wenner, criador e dono da já muito bem sucedida *Rolling Stone* americana, um sobrado cor-de-rosa (...)” (BAHIANA, 2006, p. 84). Para a autora, estes elementos combinados permitiram que o “Brasil tivesse a sua primeira experiência com uma publicação underground de longo alcance”.

Dessa maneira, o trabalho está vinculado à apresentação da crítica musical dos exemplares da *Rolling Stone*, e observar qual é a interação entre o rock e a MPB no universo dos discos resenhados. *Imprensa e Música no Brasil - Um estudo exploratório que pretende mapear as publicações, abordando novas fontes primárias de natureza escrita, novas fontes impressas.* Afirma ainda Napolitano, que produção documental, no geral, apresenta como tendência para

¹ “Embora a música fosse essencial para a publicação – como era essencial para seus leitores -, a *Rolling Stone* tinha textos sobre literatura, psiquiatria e antipsiquiatria, astrologia e zenbudismo, teatro e cinema”. (BAHIANA, 2006, p. 84).

as suas análises um “ecletismo crítico”, e a abertura para a apreciação de todos os gêneros que constituíam a cena musical brasileira. Aponta ainda o autor, os nomes de Ana Maria Bahiana, Tárík de Souza e Nelson Motta, como destaques na crítica musical do período, bem como no “rol bibliográfico sobre a música popular brasileira”, e para o autor, eles “foram, então, os críticos de maior influência junto às prateleiras jovens” (2006, p. 143 -144).

Ao pensar a *Rolling Stone* e abordá-la como fonte histórica, devemos levar em consideração as múltiplas dimensões e as muitas possibilidades impressas em um periódico. Os textos nos remetem ao contexto de sua produção, e suas matérias acompanham o universo cotidiano, seguem os assuntos e as dimensões dos eventos ocorridos ao longo do seu período de publicação. Assim, a análise de *Rolling Stone*, não pode estar reduzida a uma leitura singularizada e individual, mas sim possibilitar o entrelaçamento dos assuntos e a utilização de seus 36 exemplares publicados como um corpo documental privilegiado.

As considerações apontam, portanto, para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delineia uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente (LUCA, 2008, p. 141).

Explica Tânia Regina de Luca que “o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica”, e observa que o historiador, ao partir pelo caminho de análise de um periódico, pode servir-se do olhar da micro história, sensível aos detalhes e objetos modestos, e muitas vezes fazendo referência a história imediata e tempo presente (LUCA, 2008, p.114 - 118). Para a autora, as redações devem ser vistas como pontos aglutinadores e fermento cultural. O periódico como fonte e objeto: assim temos que apontar a importância da observação das redações como espaços privilegiados, de encontro e desenvolvimento de idéias:

Ao lado das informações contidas, versões apresentadas, causas abraçadas, interesses políticos e econômicos de seus proprietários, aspectos que encontram na exegese do discurso um instrumento analítico dos mais importantes, tem-se prestado particular atenção ao círculo formado em torno das redações, entendidas como espaços de sociabilidade que agregam indivíduos com base em projetos políticos, artísticos literários, crenças e valores que se pretende difundir por meio da palavra escrita (LUCA, 2006, p. 98).

Pela redação da *Rolling Stone* circularam entre outros, Luis Carlos Maciel como editor, Ezequiel Neves como redator, Joel Macedo, Mônica Hirst, o repórter Carlos Marques, Ana Maria Bahiana como secretária de redação e Fortuna como diretor de arte. Logo depois, foram incorporados outros jornalistas e colaboradores, como o diretor de arte Lapi com a saída de Fortuna, o jornalista Okky de Souza, o músico Carlos Alberto Sion e a astróloga Sheila Sheders. (BAHIANA, 2006, p. 84). A este processo de aglutinação ao grupo inicial, podemos acrescentar ainda outra lista de colaboradores eventuais, mas sempre presentes, que contava com: Tarik de Souza, José Emílio Rondeau, Gabriel O'Meara, Paulo Coelho, José Simão, Jorge Mautner, Odete Lara, Caetano Veloso e Antônio Bivar, Luis Carlos Sá, Zé Rodrix.

Os jornalistas e autores que publicaram na revistas seus textos deixaram suas marcas no periódico; uma série de críticos musicais, jornalistas e músicos, revelando suas escutas e suas impressões acerca de variados temas, mas pautados pelo foco na contracultura. A preferência temático-musical da revista inicialmente privilegiaria o rock, mas com alargamento do campo de influências da MPB, e esta também acaba por se tornar uma importante temática nas resenhas e artigos da revista.

Nesse sentido, um desdobramento necessário é perseguir os rastros e trilhas deixados pelos jornalistas e críticos musicais que passaram pela revista; em suas impressões estarão às interpretações sobre várias obras, os Álbuns Fonográficos lançados nos anos de 1971 e 1972 resenhados pela revista, nessas obras musicais, podemos encontrar alguns meios de circulação do ideário da contracultura no período, com fusões de gêneros e estilos da música brasileira com o rock.

Essa produção que incorpora elementos da contracultura pode ser mostrada a partir de vários Álbuns resenhados ou comentados em *Rolling Stone*, como exemplo o álbum duplo *Fatal – Gal a todo vapor*, (1971) lançado por Gal Costa, pela gravadora Phillips, no qual a cantora retrata a gravação do show homônimo; como também o álbum duplo *Clube da Esquina*, (1972), de Milton Nascimento e Lô Borges, obra de estúdio com caráter altamente coletivo, cujo lançamento foi feito pela Odeon. A estas duas obras podemos unir outras obras representativas dessa aproximação com o rock na produção musical do período, álbuns como: *Os Mutantes e seus cometas no país dos Bauretz* (1972), *Expresso 2222* (1972), de Gilberto Gil, lançados pela gravadora Phillips. Outros exemplos da junção do rock com a

música de então *Transa* (1972), de Caetano Veloso, pela Famous/ Phillips. *Acabou Chorare* (1972), dos Novos Baianos, pela recém-inaugurada gravadora Som Livre.

São obras musicais que são construídas num diálogo do rock com a MPB, caracterizando-se como construções elaboradas com influência dos Álbuns Fonográficos conceituais. Esses discos marcam transformações que percorrem tanto a temática para as letras, como as maneiras de produção musical, bem como a instrumentação, apresentando nessa produção musical, algumas formas de manifestações da contracultura. Essa produção do início dos anos 1970 (notadamente os produzidos em 1971 e 1972) representa um *corpus* documental importante, e de características marcantes, o que nos leva a concebê-lo como um amplo espaço de discussões e trocas culturais entre esses músicos. A possibilidade de compreender as relações existentes entre essas obras e os grupos que as produziram, nos leva a acreditar que essa produção intelectual possui um campo de referências e influências geradoras de identidades.

A música é o ponto aglutinador e de partida para um debate mais amplo em *Rolling Stone*, e observamos a possibilidade e capacidade mobilizadora de seus integrantes, e a circulação de um abrangente grupo jornalistas, artistas, intelectuais. Esses autores construíram um discurso que reúne: rock, música brasileira e contracultura; traduzindo um universo que pode ser caracterizado como contracultural e presente nas mensagens transmitidas em texto e imagens dos exemplares de *Rolling Stone*.

Esses textos, devem ser concebidos como um espaço aberto a múltiplas leituras, os textos não podem ser apreendidos nem como objetos, cuja distribuição bastaria identificar, nem como entidades, cujo significado se colocaria em termos universais, mas como presos na rede contraditória das utilizações que os construíram historicamente (CHARTIER, 1990, p. 61).

O texto, literário ou documental, não pode nunca anular-se como texto, ou seja, como um sistema construído consoante categorias, esquemas de percepção e de apreciação, regras de funcionamento, que remetem para as suas próprias condições de produção. A relação do texto com o real (que pode talvez definir-se como aquilo que o próprio texto apresenta como real, construindo-o como um referente situado no seu exterior) constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita. O que leva, a antes de mais nada, a não tratar as ficções como simples documentos, reflexos realistas de uma realidade histórica, mas a atender a sua especificidade enquanto texto situado relativamente a outros textos e cujas regras de organização, como a elaboração formal, têm em vista produzir mais do que uma

descrição. (...). O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita (CHARTIER, 1990, p. 63, destaque do autor).

Nesse sentido, o que se pretende com o trabalho é restabelecer a historicidade dos textos vinculados pelo periódico *Rolling Stone*, abrindo caminho para compreender a audição e as escolhas da crítica musical presentes no corpo documental aqui escolhido como fonte do trabalho (resenhas e críticas de Álbuns Fonográficos, Shows e Entrevistas). Nesse sentido, podemos observar que:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da 'realidade' da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada 'enquanto atividade humana', 'enquanto prática' (CERTEAU, 2006, p. 66).

Assim, de maneira a perceber os nexos e as justificativas que construirão essa produção jornalística, aqui entendida como “obra”, conforme nos ensina Chartier. E entendidas como produzidas em um determinado “lugar social”, pretende-se entender as relações que são estabelecidas entre a música brasileira e o rock, presentes nas críticas e matérias vinculadas.

Assim, nas esferas do comportamento a atitude rock foi amplamente incorporada e vinculada a uma espécie de “exorcismo” do período anterior, servindo de mote e inspiração para a produção cultural (resenhas, artigos, entrevistas) presente na *Rolling Stone*. e observamos a necessidade de entender os vínculos e argumentos que são utilizados como a própria expressão de um grupo que consolida a memória jornalística sobre esse período da música brasileira.

Assim, é necessário observar conforme ressalta Chartier, que a própria produção cultural pressupõe um “‘consumo’ cultural ou intelectual (...) tomado como uma produção” investida na obra pelo autor. Aqui vale relacionar a produção cultural presente na *Rolling Stone* e a observação do autor para os livros, de que não existe o texto fora do suporte que lhe dá sustentação material para a leitura. E aponta ainda que a “compreensão de um escrito, seja qual for”, depende da maneira como ele chega à contemplação de seu leitor (1990, 2002).

Nesse sentido pensamos que existe a necessidade de compreendermos as formas de circulação das idéias sobre a produção musical no início da década de setenta; e este caminho pode ser percorrido com a análise do referido periódico de circulação nacional da “imprensa alternativa”, que é uma fonte importante de informações sobre o tema, constituindo-se como um *corpus* documental privilegiado, entendido aqui como “obra”. Como aponta Michel de Certeau:

Em História, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em ‘isolar’ um corpo, como se faz em física, e em ‘desfigurar’ as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto a priori. Ela forma a coleção. (CERTEAU, 2006, p. 81).

Esses autores formam um grupo marcante, fizeram escola na produção de textos sobre música nas décadas seguintes, se solidificando como escritores e autores junto ao grande público, adentrando ao mercado editorial. Passaram por uma série de periódicos da imprensa diária, trabalhando nas secções de cultura de grandes jornais e revistas, bem como nos periódicos especializados em música nas últimas décadas (1970 – 2010), firmando-se com expoentes de uma geração de críticos musicais.

Desse modo, pode-se observar de que maneira *Rolling Stone* serviu como uma forma paralela às vias tradicionais de divulgar mensagens e visões de mundo para um grupo, como também importante espaço de debate sobre o rock como música e a contracultura como visão de mundo. Esses elementos nos ajudam a tecer a trama que emaranha o grupo de jovens e as mensagens a eles direcionadas, o suporte dessas mensagens e a construção musical referente a eles. Sob a perspectiva do recorte temporal delimitado pelo periódico, pretendemos analisar as condições materiais de produção e consumo desses bens simbólicos, bem como aspectos relevantes da sociedade que os criou e deles usufruiu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIANA, Ana Maria. **Nada será como antes: MPB dos anos 70**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BAHIANA, Ana Maria. **Almanaque anos 70**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CERTAU, Michel de. **A escrita da História**. Trad.: Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll: uma história social**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GARCIA, Tânia da Costa. **O “It verde amarelo” de Carmem Miranda (1930 - 1946)**. São Paulo: Annablume, 2004.

GARCIA, Tânia da Costa. **Tarancón: invenção sonora de um Brasil latino-americano**. In: ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte, v. 8, n. 13, 2006. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História. (p. 176 – 188).

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960-70**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

LUCA, Tânia Regina de. **Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pisky (org.). São Paulo: Contexto, 2008. 2 ed.

_____. **Um repertório do Brasil: tradição e inovação na Revista Nova**. In: Uberlândia: ArtCultura, v. 8, n. 13, p. 97 - 108, jul – dez. 2006.

MACIEL, Luis Carlos. **Geração em transe: memória do tempo do tropicalismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música: canção popular e conhecimento histórico**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 20, n. 35, p. 203-221, 2000.

_____. **Os primeiros historiadores da música popular urbana no Brasil**. In: Uberlândia: ArtCultura, v. 8, n. 13, p. 117 - 134, jul – dez. 2006.

_____. **A música popular brasileira (MPB) dos anos 70: resistência política e consumo cultural**. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL PARA EL ESTUDIO DE LA MÚSICA POPULAR, 4., 2002, México (Ciudad). Actas... México (Ciudad), 2002b. p. 1-12.

_____. **A historiografia da música popular brasileira (1970 – 1990): síntese bibliográfica e desafios atuais da pesquisa histórica**. In: Uberlândia: ArtCultura, v. 8, n. 13, p. 135 – 150, jul – dez. 2006.

ROLLING STONE: **as melhores entrevistas da revista Rolling Stone** / editadas por Jann S. Wenner, Joe Levy; introdução de Jann S. Wenner; tradução Emanuel Mendes Rodrigues. – São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.